

## A PREENCHER PELO ALUNO

Nome completo \_\_\_\_\_

Documento de identificação  n.º \_\_\_\_\_

Assinatura do aluno \_\_\_\_\_

## A PREENCHER PELA ESCOLA

N.º convencional

N.º convencional

A PREENCHER  
PELO AGRUPAMENTO

N.º confidencial da escola

**Prova Final de Português****Prova 91 | 2.ª Fase | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2023****9.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

## A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR

Classificação em percentagem \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ por cento)

Correspondente ao nível \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ ) Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Código do professor classificador \_\_\_\_\_

Observações \_\_\_\_\_

## A PREENCHER PELA ESCOLA

Classificação alterada em sede de reapreciação conforme despacho em anexo Classificação alterada em sede de reclamação conforme despacho em anexo 

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

15 Páginas

A prova inclui 17 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Todas as respostas são dadas no enunciado da prova.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Se o espaço reservado a uma resposta não for suficiente, podes utilizar o espaço que se encontra no final da prova. Neste caso, deves identificar claramente o item a que se refere a tua resposta.

As cotações dos itens encontram-se no final da prova.

---

Página em branco

---

Para responderes aos itens 1.1. a 1.4., ouve a gravação de um texto produzido pelo jornal *Público* e segue as instruções.

### TEXTO A



Fonte: [www.publico.pt](http://www.publico.pt) (consultado em 05/11/2022)

1. Assinala com **X**, nos itens 1.1. a 1.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

\* 1.1. As perguntas que se ouvem inicialmente dão pistas sobre

- A  a idade dos destinatários da iniciativa.
- B  os temas de algumas das notícias.
- C  a data da divulgação deste texto.

\* 1.2. A iniciativa referida no texto decorrerá

- A  em todo o país.
- B  em uma das regiões do país.
- C  em duas cidades do país.

\* 1.3. Na referência às diferentes formas de apresentar a informação jornalística, a locutora salienta

- A  a quantidade de vídeos e *podcasts* produzidos.
- B  o contributo das fotografias e dos gráficos.
- C  as regras para redigir notícias e reportagens.

\* 1.4. A frase «Amanhã recomeçamos.» adequa-se à intenção de

- A  divulgar o trabalho jornalístico no país.
- B  incentivar a adesão à iniciativa em causa.
- C  apelar a atividades de escrita nas escolas.

### TEXTO B

Um dia, imaginei que não havia uma parede. Fui contra ela a correr. E esmurrei a cara. Uma noite, imaginei um casacão felpudo com asas. Meti-me dentro dele. Apertei os botões. Puxei o cobertor. E tive um sonho cheio de aventuras.

Há coisas que existem mesmo, independentemente do que delas imaginamos. E há  
5 coisas que são apenas fruto da imaginação. Da nossa imaginação ou da imaginação de outros, que nos querem fazer acreditar que elas existem, quando não existem. Olha o papão!

É por isso que não faz mal nenhum que a gente se habitue a pensar. Ouvindo os outros. Conversando com eles. Olhando à volta com olhos de ver. Indo à descoberta de  
10 como é que as coisas são e de como é que funcionam. De como é que nós vamos sendo, e de como é que funcionamos.

É importante aprendermos a distinguir entre aquilo que existe mesmo e aquilo que apenas vive na fantasia (ainda que, imaginado, o possamos sentir como se ele estivesse ali à mão). Se não existir uma ponte, se apenas houver ponte porque eu imagino que há,  
15 e eu quiser atravessar o rio, caio à água. Mas, para haver ponte, foi preciso que alguém imaginasse como ela haveria de ser. E foi preciso que alguém a fizesse, para que eu por ela possa atravessar.

A imaginação transporta-nos para lá daquilo que existe. O que é muito bom. Traz-nos coisas patuscas. Peras com bigodes de alforreca, e sapatos com alcachofras na sola.  
20 Alarga-nos o campo do que está à nossa disposição para inventar brincadeiras. Ajuda a perceber que as coisas, afinal, também podem ser de outros modos.

Mas, para que as coisas venham a ser de outra maneira, na nossa vida e na de todos, não basta a força de imaginar. É preciso trabalho. Junto com outros. Entendendo a resistência que as coisas oferecem. Experimentando como usá-las. Descobrimo  
25 as podemos organizar. E aquilo que com elas é possível, e não é possível, fazer. Sempre, ou, pelo menos, por agora.

José Barata-Moura, «Será que tudo o que nos rodeia existe mesmo ou é só fruto da nossa imaginação?»,  
*Trocado por Miúdos*, Porto, Porto Editora, 2014, pp. 25-26.

- \* 2. Numera os tópicos de 1 a 5, de acordo com a ordem pela qual o autor organiza as ideias ao longo do texto.

O primeiro tópico já se encontra numerado.

- Reconhecimento de aspetos divertidos associados à atuação da imaginação
- 1 Exemplificação de diferentes consequências do uso da imaginação
- Insistência na necessidade de se associar a análise da realidade ao uso da imaginação
- Recurso a um exemplo para ilustrar diferentes formas de usar a imaginação
- Valorização da discussão e do uso de sentido crítico na análise da realidade

3. Assinala com X, nos itens 3.1. a 3.3., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

3.1. A locução conjuncional «ainda que» (linha 13) pode ser substituída por

- A  *a menos que.*
- B  *uma vez que.*
- C  *sempre que.*
- D  *apesar de que.*

3.2. Na frase das linhas 20 e 21, para exprimir as alternativas que a imaginação proporciona, o autor antecede a palavra «modos» de um determinante

- A  artigo indefinido.
- B  indefinido.
- C  relativo.
- D  demonstrativo.

\* 3.3. O assunto com maior destaque ao longo do texto é

- A  a relação entre imaginação e realidade.
- B  a diferença entre a nossa imaginação e a dos outros.
- C  o interesse do exercício da imaginação no dia a dia.
- D  o humor associado à imaginação.

## TEXTO C

---

### Nota prévia

Em 1501, as personagens Manuel e Mestre João encontram-se numa nau da frota de Pedro Álvares Cabral, já no regresso da Índia e após a passagem pelo Cabo da Boa Esperança.

---

#### *Passagem de tempo*

*MANUEL e MESTRE JOÃO conversando no convés.*

**MANUEL** – Se não acreditais que morri, Mestre, e que o Demónio me fez tornar à vida para que outra vez morresse, dissei-me então por que atravesssei eu o Purgatório e vivi no Inferno durante todos aqueles dias depois do naufrágio da minha caravela, e até que fui encontrado pelos desta nau?

**MESTRE JOÃO** – Falas do Purgatório e do Inferno? Que Purgatório? E que Inferno, filho?

**MANUEL** – Sabei, Mestre, que, desde que dei acordo de mim na praia, depois do naufrágio, me achei ali numa tão grande solidão que fiquei certo de serem aquelas paragens as do Purgatório e de estar eu morto. Caminhei durante vinte dias sem encontrar alma viva, nem gente nem bruto.

**MESTRE JOÃO** – É natural. É bem sabido que são aquelas apenas terras de areia...

**MANUEL** (*Interrompendo-o*) – De areia e de pedras, mas também, mais a norte, de lugares amenos, de pasto e água. (*Pausa:*) Aí deparei ao vigésimo primeiro dia com muitos homens morenos vestidos de peles e com braceletes de marfim, levando todos na mão um enxota-moscas. Pastoreavam ovelhas de grandes caudas e mansos bois, tocando flautas bem concertadas e cantando.

**MESTRE JOÃO** (*Rindo*) – Cantando como as Sereias do teatro?

**MANUEL** – Não troceis, senhor, que só vos falo a verdade de tudo o que vi...

**MESTRE JOÃO** – Eu bem sei, filho, mas às vezes parece-me que ainda deliras. (*Pausa:*) Mas continua, continua...

**MANUEL** – Quando parti em direção aos que cantavam, a pedir por socorro, fugiram depressa de mim como se vissem um espectro<sup>1</sup> do outro mundo, que decerto era esse o meu estado.

**MESTRE JOÃO** (*Condscendente*) – E pensas, assim, que seria aí o Inferno?

**MANUEL** – Estou seguro de que seria o Purgatório, e de que aquelas almas me souberam a caminho das terríveis provações do Inferno, que me haviam ainda de vir<sup>2</sup>, com muita fome, e comendo terra e raízes, e com os pés com tantas chagas de caminhar sem tempo e sem destino e os olhos tão cegos que, fosse eu ainda vivo, e ali teria morrido de dores e de desespero.

*Entra o CAPITÃO.*

**CAPITÃO** – Continuais sempre a conversar? (*Para MANUEL:*) E a ampulheta<sup>3</sup>, tens virado a ampulheta? Não começa agora o teu quarto<sup>4</sup>?

**MANUEL** – Sim...

35 **CAPITÃO** (*Para MESTRE JOÃO*) – Com o céu assim enevoadado há uma semana, já quase não sabemos se é de manhã se é de tarde... (*Para MANUEL de novo:*) Sem Sol não temos como acertar a ampulheta. Não comas areia para conversar ou encurtar o quarto, senão já não nos bastará perdermo-nos no mar e ainda havemos de nos perder também no tempo.

40 **MESTRE JOÃO** – Acabamos já de conversar, Senhor Capitão.

**CAPITÃO** (*Saindo*) – Assim espero.

*Sai o CAPITÃO.*

**MESTRE JOÃO** (*Para MANUEL*) – Por tudo o que disseste, passaste decerto grandes provações, infeliz. Mas as provações do verdadeiro Inferno hão de ser bem maiores...

45 Tão maiores que nelas nem o teu nem o meu entendimento, nem o de nenhum homem, podem alcançar.

**MANUEL** (*Emocionado*) – Fui apedrejado por temerosos demónios montando bois de grande tamanho e soltando enormes gritos; e perseguido por outros com paus e setas; e mordido por serpentes e bichos repelentes nunca vistos; sofri febres terríveis sem água para matar a sede, bebendo só da do mar ou da dos pântanos insalubres; pisei areias tão escaldantes quanto fogo vivo e aceso; e o meu corpo resultou rasgado por toda a sorte de pontas e de lâminas que cresciam desabrigadamente do chão – e dizeis vós, Mestre, que não vi o Inferno?

55 *MANUEL levanta-se e vai à amurada<sup>5</sup>, fitando longamente o mar. Depois vira-se de novo para MESTRE JOÃO.*

**MESTRE JOÃO** – O que te digo é que os teus sofrimentos foram decerto tamanhos<sup>6</sup>, mas que os padeceste aqui, neste mundo, e não no outro, donde nunca homem nenhum voltou. (*Pausa:*) Vai começar o teu quarto, é melhor ires pela ampulheta, como te ordenou o Senhor Capitão. Depois continuaremos a nossa conversa.

Manuel António Pina, *Aquilo Que os Olhos Veem ou O Adamastor*, Porto, Porto Editora, 2019, pp. 101-107.

## NOTAS

<sup>1</sup> *espectro* – fantasma.

<sup>2</sup> *vir* – acontecer.

<sup>3</sup> *ampulheta* – instrumento usado para medir o tempo pela passagem de areia fina de um compartimento para outro; relógio de areia.

<sup>4</sup> *quarto* – tempo de vigia.

<sup>5</sup> *amurada* – parte saliente dos bordos do navio que serve de parapeito.

<sup>6</sup> *tamanhos* – muito grandes.

- \* 4. Nas linhas 3 a 6, Manuel refere a difícil experiência que viveu.

Por que razão menciona, nesse contexto, o momento do naufrágio e o momento em que foi encontrado pela tripulação da nau onde navega?

---

---

---

---

---

5. Assinala com **X**, nos itens 5.1. a 5.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

- \* 5.1. Na fala das linhas 13 a 17, Manuel diz a Mestre João o que viu quando se deparou com os habitantes de um dos lugares por onde passou, usando, para o efeito, modificadores de nome e formas verbais

- A  no pretérito imperfeito do indicativo e no gerúndio.  
B  no pretérito perfeito do indicativo e no gerúndio.  
C  no pretérito imperfeito do indicativo e no infinitivo impessoal.  
D  no pretérito perfeito do indicativo e no infinitivo impessoal.

- \* 5.2. Na linha 20, na sua justificação perante a reação de Manuel, Mestre João recorre a uma oração coordenada

- A  conclusiva.  
B  explicativa.  
C  disjuntiva.  
D  adversativa.

- 5.3. Na atitude que Mestre João mantém ao longo do texto sobressai a sua

- A  confiança em Manuel.  
B  admiração por Manuel.  
C  compaixão por Manuel.  
D  esperança em Manuel.

\* 5.4. O tipo de relação que Mestre João estabelece com Manuel revela-se, por exemplo, no uso da palavra «filho», como acontece na frase da linha 20. Nessa frase, «filho» desempenha a função sintática de

- A  sujeito.
- B  modificador do nome.
- C  complemento direto.
- D  vocativo.

\* 6. Relê as falas das personagens nas linhas 13 a 30.

Nessas linhas, Manuel refere a reação dos «homens morenos vestidos de peles e com braceletes de marfim» quando estes o viram.

Explica, por palavras tuas e de forma completa, por que razão Manuel o faz, tendo em conta o objetivo do seu discurso nesse momento do diálogo com Mestre João.

---

---

---

---

---

---

---

---

7. Assinala com **X**, nos itens 7.1. a 7.5., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

\* 7.1. A referência à tarefa de virar a ampulheta contribui para manter na mente do leitor/espectador a situação representada em cena. Essa referência é feita

- A  apenas pelo Capitão, que interrompe o diálogo em curso.
- B  pelo Capitão e lembrada posteriormente por Mestre João.
- C  apenas por Mestre João, que recorda uma ordem do Capitão.
- D  pelo Capitão, mal entra em cena, e repetida depois por Manuel.

\* 7.2. Ao usar a expressão «Não comas areia» (linha 37), o Capitão refere-se

- A  à ampulheta controlada por Manuel.
- B  às provações sofridas por Manuel.
- C  ao relato levado a cabo por Manuel.
- D  aos lugares percorridos por Manuel.

\* 7.3. Na fala das linhas 43 a 46, para exprimir a dimensão das provações do Inferno, Mestre João emprega uma oração subordinada adverbial

- A  concessiva.
- B  comparativa.
- C  consecutiva.
- D  causal.

\* 7.4. Nas linhas 47 a 53, numa longa enumeração, Manuel relata várias peripécias a Mestre João. Nesse relato, Manuel inclui também

- A  uma enumeração das criaturas que o foram atacando.
- B  uma enumeração das provações causadas pela febre.
- C  uma enumeração das zonas por onde passou.
- D  uma enumeração das feridas no seu corpo.

7.5. Para descrever a Mestre João a sensação física que a areia lhe causara (linhas 50-51), Manuel usa, em simultâneo,

- A  uma comparação e um eufemismo.
- B  uma personificação e um eufemismo.
- C  uma personificação e uma hipérbole.
- D  uma comparação e uma hipérbole.









## COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 17 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	2.	3.3.	4.	5.1.	5.2.	5.4.	6.	7.1.	7.2.	7.3.	7.4.	8.	9.	Subtotal
Cotação (em pontos)	4	4	4	4	4	4	6	4	4	4	6	4	4	4	4	8	20	<b>92</b>
Destes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	<b>3.1.</b>				<b>3.2.</b>				<b>5.3.</b>				<b>7.5.</b>				<b>Subtotal</b>	
Cotação (em pontos)	2 x 4 pontos																	<b>8</b>
<b>TOTAL</b>																		<b>100</b>

**Prova 91**

2.<sup>a</sup> Fase